

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

NATHÁLIA DE SOUZA SILVA GRIGORIEVS

**SAMBA E POLÍTICA: A ATUAÇÃO DO GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA
DE SAMBA PORTELA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

BRASÍLIA

2024

NATHÁLIA DE SOUZA SILVA GRIGORIEVS

**SAMBA E POLÍTICA: A ATUAÇÃO DO GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA
DE SAMBA PORTELA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

Monografia apresentada ao curso de
Ciência Política da Universidade de
Brasília como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel em
Ciência Política.

BRASÍLIA

2024

NATHÁLIA DE SOUZA SILVA GRIGORIEVS

**SAMBA E POLÍTICA: A ATUAÇÃO DO GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA
DE SAMBA PORTELA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

Monografia apresentada ao curso de Ciência Política da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciência Política, sob orientação da Profa. Dra. Rebecca Neaera Abers.

BANCA EXAMINADORA

PARECER

Orientadora Profa. Dra. Rebecca Neaera Abers

BRASÍLIA

2024

DEDICATÓRIA

À minha família.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo milagre da vida.

À música, que me coloriu quando tudo em mim ficou cinza.

À minha avó, Roseli de Souza, por ter me ensinado o valor dos estudos.

À minha família, por serem a razão dessa graduação.

À família Alvarenga, nas pessoas de Onezina, Alcimiro, Cássia, Marco, Ana Luísa e Diogo, por serem a minha família em Brasília.

Aos meus amigos, Ana Luísa e Thiago, por serem o meu lugar no mundo e os amores da minha vida.

Às minhas amigas, Fernanda Azevedo e Liz Alves, pela irmandade, fidelidade, companheirismo e abrigo.

À minha amiga, Natália Sousa, por ser escutada, confiança, amor, acolhimento e incentivo.

À minha orientadora, Rebecca Abers, por ter acreditado em mim quando nem eu acreditei.

À minha analista, Danielle Barbosa, por ter me ensinado que fins também podem ser felizes.

EPÍGRAFE

Bem-aventurados são os devotos do samba

Leandro Sapucahy

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo dialogar sobre a relação que se estabelece entre samba e política, tomando como referência a atuação solidária-comunitária do Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela durante a pandemia da Covid-19. Para tal se tomou como foco de análise as ações realizadas pelo Departamento de Cultura da escola, o qual concentrou os seus esforços em promover Lives que versaram, dentre muitos temas, sobre música, cultura, ativismo e carnaval. Assim, a pesquisa analisou como a Portela utilizou seus canais digitais para engajar a comunidade e manter seu papel político e social durante a pandemia, destacando a importância de seu trabalho para a formação de cidadãos críticos e politizados.

Palavras-chave: Samba, Política, Portela, Covid-19.

ABSTRACT

This work aims to dialogue on the relationship established between samba and politics, taking as reference the solidarity-community performance of the Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela during the Covid-19 pandemic. For such it was taken as focus of analysis the actions carried out by the Department of Culture of the school, which concentrated its efforts in promoting Lives that dealt, among many themes, on music, culture, activism and carnival. Thus, the research analyzed how Portela used its digital channels to engage the community and maintain its political and social role during the pandemic, highlighting the importance of its work for the formation of critical and politicized citizens.

Keywords: Samba, Politics, Portela, Covid-19.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. METODOLOGIA	12
3. <i>Música, Samba e Política</i>	12
4. A Portela	19
5. A atuação da Portela durante a pandemia da Covid-19	21
6. O Portela Cultural e suas Lives	21
6.1. Papo Sincopado	26
6.2. Papo Reto	26
6.3. #TamoJunto	28
6.4. #CulturaLive	28
6.5. Perímetro Cultural de Oswaldo Cruz	29
7. Portela, uma escola educadora	30
8. Considerações Finais	32

1. Introdução

Para além de um gênero musical brasileiro, o samba é elemento relevante para a construção da história do Brasil e resistência dos afro-brasileiros residentes nas periferias. O samba é o motivo em comum que conduz indivíduos marginalizados a se articularem para tentar sobreviver em meio a um sistema opressor, que persegue o ritmo e quem ousa propagá-lo - além de escravizar parte daqueles que carregam no corpo a cor da noite.

Apesar das duras tentativas de assassinato do ritmo e de seus cantantes, nos morros, terreiros e botequins, o samba sobreviveu. E vive. É ele quem denuncia o Estado e supre as suas faltas. É ele quem mantém a história do Brasil viva a cada samba enredo que é cantado na avenida. É ele quem canta o Brasil.

Espaços de festa e celebração da cultura brasileira, as escolas de samba são também referência de resistência e luta, uma vez que para além dos desfiles promovidos anualmente no sambódromo da Marquês de Sapucaí, elas se mantêm em atividade ao longo de todo o ano, conectando a comunidade local a atividades educativas, culturais e também políticas. A política acontece quando há eleições para a diretoria das escolas, momento em que os membros se mobilizam para promover seus candidatos e suas respectivas propostas. Acontece quando a conhecida feijoada da Portela, especialmente, serve como lugar de comensalidade e diversão, mas também espaço de negociação e firmamento de acordos entre a escola e alguns parceiros, como aconteceu quando uma instituição de ensino superior cedeu o seu espaço físico para a ministração das aulas do cursinho pré-vestibular ofertado pelo departamento de cidadania da escola. Aconteceu na pandemia quando a Portela serviu como posto de vacinação para os moradores locais e fonte de arrecadação e distribuição de insumos para a comunidade. Todas essas atividades e inúmeras outras caracterizam o fazer político, seja ele comunitário ou institucional, formal ou informal. Por isso a importância de estudar a atuação dessa escola de samba durante a pandemia.

A pandemia da Covid-19, iniciada em março de 2020, atravessou todas as estruturas da sociedade, conduzindo-as a uma brusca readequação ao novo normal que se apresentava. As escolas de samba, agremiações firmadas nas atividades presenciais, precisaram repensar suas ações econômicas, sociais e culturais, a fim de que o elo com a comunidade fosse mantido e de que estas cumprissem seu papel político de conscientização acerca da gravidade da situação de calamidade pública que se apresentava.

É nesse período que as escolas começam a movimentar seus canais no Youtube, criar contas no Instagram, Twitter e Facebook e movimentá-las diariamente, pois esses são os canais de comunicação com a comunidade, o local de encontro. O samba antes feito na rua, agora é realizado dentro de casa através de lives beneficentes para a arrecadação de alimentos destinados a doação para os mais desfavorecidos. A famosa feijoada da Portela já não acontece mais na quadra da escola, mas é entregue via delivery para que as famílias possam se deliciar em casa. Algumas atividades são adaptadas, outras suspensas. Mas o samba não morre e a solidariedade é fortalecida.

A Portela, dividida em departamentos responsáveis por áreas específicas, teve durante a pandemia os departamentos de cultura e cidadania como destaque. O primeiro, na promoção de Lives que trouxeram artistas, comunicadores, educadores, gestores e outros profissionais para dialogar com membros, torcedores e simpatizantes sobre pandemia, cultura, música, carnaval, ativismo, educação, dentre outros temas de relevância social. O segundo, distribuindo cestas básicas e cartões alimentação ou ministrando aulas de curso pré-vestibular online. Apesar da importância de ambos, o foco deste trabalho será o departamento cultural, justamente pelos temas discutidos em suas Lives revelarem a importância que esta escola tem para a formação informal de cidadãos críticos e conscientes, além de politizados, posto que, conforme observado nos discursos proferidos durante os vídeos e nas publicações realizadas durante o período analisado, a escola assume posições políticas claras, que dialogam com o respeito a ancestralidade negra da escola e defesa dos direitos humanos, afirmando isso através das suas atividades diárias, lançamento de enredos, composições de sambas-enredo, desfiles apresentados na Sapucaí ou em postagens via redes sociais que reafirmam seu compromisso com a cidadania e posicionamento frente a problemas sociais como a LGBTfobia e o racismo. Como ocorreu quando o Portela Cultural aderiu ao movimento Vidas Negras Importam, que ganhou notoriedade mundial em junho de 2020, a partir do assassinato por sufocamento do norte-americano George Floyd, um homem negro.

Essa é uma pesquisa qualiquantitativa, uma vez que se utilizou de dados, como números de visualizações, curtidas, comentários e respostas no chat para medir o engajamento das publicações e vídeos disponíveis nas páginas da Portela Cultural no Instagram e no Youtube e que por mim foram analisados. É também descritiva, posto que descreve quais foram as atividades realizadas pela escola no período estabelecido. E por

fim, é também exploratória, visto que se propôs a estudar um ações de um período ainda pouco difundido academicamente.

2. Metodologia

Este trabalho foi desenvolvido em três etapas principais, as quais correspondem a revisão de literatura, coleta e análise de dados e realização de entrevistas. Durante a primeira etapa o objetivo foi encontrar textos que pudessem servir como base para compreender como a relação entre samba e política se deu durante a pandemia. Nesse sentido, as bibliografias foram agrupadas nas seguintes categorias: Carnaval, Pandemia, Portela e Samba. Para além dos textos, foram selecionados materiais audiovisuais relacionados às categorias citadas, os quais contribuíram ricamente para a construção do debate, principalmente no que diz respeito a compreensão da relação que se estabelece entre a história da Portela e o seu papel político no combate à marginalização e criminalização do samba enquanto ritmo.

A etapa de coleta e análise de dados se mostrou muito rica, uma vez que revelou uma escola de samba comprometida com a sociedade, destaque no que diz respeito a prestação de serviços comunitários e capaz de se reinventar durante períodos de crise, uma vez que durante a pandemia da Covid-19 se manteve, apesar dos limites estabelecidos pelo *lockdown*, ativa junto à comunidade, prestando serviços e suporte aos necessitados; corroborando dessa forma com o pressuposto de que samba é política - nesse caso, comunitária. Para a realização dessa etapa, se utilizou as contas oficiais da Portela e dos seus segmentos no Facebook, no Instagram e no Youtube. Embora os dados obtidos sejam muitos, uma vez que foram concentrados em seis grupos da escola, para fins de análise o departamento cultural se mostrou suficiente, posto que somente em 2020 foram realizadas 81 Lives.

Por fim, foram realizadas entrevistas com o assessor de comunicação da Portela, Paulo Renato Vaz, e com o Diretor do Departamento Cultural da escola, Rogério Rodrigues, nas quais os entrevistados responderam perguntas sobre: (I) o enfrentamento da pandemia; (II) diálogo com o Estado, setor privado e doadores; (III) arrecadação e distribuição de alimentos e itens de higiene pessoal; e (IV) protocolos de segurança e vacinação adotados pela escola.

3. Música, Samba e Política

Há hoje nos diversos campos das Ciências Humanas um esforço em aprofundar os estudos sobre a importância do samba, bem como o seu significado. Há quem defenda que samba é cultura e resistência, há quem defenda que ele é religião, alguns ousam até a chamá-lo de Orixá. Me atendo aqui apenas a chamá-lo de política. A política cotidiana de dar de vestir e dar de comer aos necessitados, de assistir os desassistidos fora da avenida, quando as escolas estão longe dos holofotes e fora do horário nobre da televisão brasileira. O samba é quem mobiliza agremiações carnavalescas ao longo de todo o ano a fim de que sejam promovidas ações voltadas ao resgate ancestral e conexão de pessoas com a dignidade, não somente através de ações beneficentes, mas também de capacitação profissional e intelectual, capazes de tecer futuros. É ele também quem introduz jovens de 5 a 17 anos nas escolas de samba mirim e protege da bala perdida e do tráfico. É ele quem conscientiza os indivíduos da agremiação através de cada samba-enredo sobre a história desse país, promovendo reconhecimento identitário e político.

O que é o samba para o Brasil? O que é o samba para os brasileiros? Será que tanta coisa mudou desde que ser sambista deixou de ser crime perante o Estado Brasileiro? Enriquecem em cima daquilo que é marginal e seguem marginalizando os que nada tem. Estes que continuam no movimento de *aquilombamento* dentro das comunidades para suprir aquilo que não chega aonde o Estado não vai. O samba é político quando é utilizado como instrumento de resgate ancestral e construção de elos solidários de comunhão e cuidado durante uma pandemia. O samba é político porque não se faz somente dentro das rodas de samba, nas quadras das escolas de samba, no sambódromo, nos botequins, mas porque é ele quem fica quando Estado e demais instituições que representam poder arredam o pé e só fica ele para acolher e prover, como fez em Madureira ao longo da vigência da pandemia da Covid-19 através das entregas de cestas de alimentos para famílias carentes.

Antes de falar sobre samba é necessário situá-lo no contexto social vigente nas primeiras décadas do século XX. Período musical nacional marcado por influências estrangeiras, sobretudo europeias, advindas de países como Alemanha, França e Itália. Após a Segunda Guerra Mundial somam-se a elas os valores estéticos musicais provindos dos Estados Unidos e da Inglaterra, os quais geram descontentamento e tensões entre aqueles que se opunham à ideia de o Brasil e sua nascente identidade nacional se assentarem na cultura de outros países.

Foi em meio a esse descontentamento e os debates decorrentes dele, como as dicotomias entre brasilidade e influências internacionais, erudito e popular e modernidade e tradição que surge o movimento nacionalista liderado por Mário de Andrade, o qual tinha por objetivo a criação de uma “música artística brasileira” (Baia, 2011, p. 24). Mário buscava com essa iniciativa canções de cunho folclórico e rural, que se ativessem à realidade local e se descolassem da influência cultural internacional. Deste modo, as primeiras manifestações do samba carioca, baseadas em improvisos sobre o cotidiano, já eram consideradas como parte da música popular brasileira. Dentre elas, as composições da Portela.

Nascida numa região eminentemente rural, a Portela cantava o cotidiano pacato de Oswaldo Cruz, o que fica evidente em canções como *A Natureza*, *Cocorocó*, *A Chuva Cai*, *Flor do Interior*, *Nuvem que Passou*, *Linda Borboleta*, *Sabiá Cantador*, entre outras. Simples, rural, nacional, relacionando-se com o contexto local, tal qual o nacionalismo pedia. Apesar do seu enquadramento dentro do movimento, o gênero era recente e buscava seu espaço de reconhecimento e respeito perante a sociedade. Segundo Baia (2011), em meados da década de 1930 os jornalistas Francisco Guimarães, o Vagalume, e Orestes Barbosa lançaram livros que discorreram sobre suas interpretações sobre o samba na cidade do Rio de Janeiro.

Para Vagalume o samba nasceu na Bahia e foi levado para o Rio de Janeiro, onde conquistou a população e atingiu a condição de símbolo nacional. Segundo ele, o samba nasceu no morro e por isso morria sempre que era transferido deste local e das rodas de samba para os discos de vitrola. O que revela uma resistência de Vagalume à difusão do samba enquanto gênero e ao crescente mercado de bens culturais da época. (Baia, 2011, pp. 27-28)

Orestes Barbosa, por sua vez, demonstrava um posicionamento contrário ao anterior. Primeiro, porque acreditava que o samba carregava a autenticidade carioca, de modo que era inegável que ele havia nascido na cidade do Rio de Janeiro. Segundo, por defender que, embora o gênero tenha nascido nos morros, ele foi apropriado e difundido pela cidade, tomando diversas formas. Assim, diferentemente de Vagalume, Barbosa não defendia a relação do samba única e exclusivamente com o morro e com as rodas de samba, tampouco era contra a comercialização deste por meio da venda de discos. (Baia, 2011, pp. 28-29)

Há ainda um terceiro teórico que não é destacado por Baia, mas que merece ser citado pela relevância do seu trabalho: Muniz Sodré. Em “Samba, O Dono do Corpo”, de 1998, Sodré explora as raízes africanas do samba e explora uma relação sincrética cultural entre tradições africanas, europeias e indígenas e sua contribuição para a formação da identidade musical nacional.

Apesar de sua relevância e da contribuição ímpar do samba para o estabelecimento de um símbolo musical nacional, o gênero foi duramente perseguido em decorrência do estereótipo que se criou em torno da figura do sambista, o qual era visto socialmente como malandro, vadio e até mesmo criminoso. Baia (2011) traz em sua tese trechos que contribuem para a compreensão dos caminhos que podem ter conduzido a imagem do sambista a este espaço no imaginário social.

O autor aponta em seu texto trabalhos que colocaram o personagem malandro no centro da pesquisa. De um lado há Maria Angela Borges Salvadori (1990), que assim como a maioria dos teóricos defendia a ideia de que os malandros, assim como os capoeiristas, haviam herdado o perfil de resistência dos escravos, se opondo a ordem vigente e possuindo um perfil disruptivo. De outro, há Tiago de Melo Gomes (1998), que caminhou na contramão dos argumentos apresentados, indicando que o malandro, assim como a mulata, nada mais era do que uma personagem performada nos teatros de revista durante a década de 1920, tornando-se mais um estereótipo da identidade brasileira do que uma identidade de fato. O que ocorreu de maneira proposital já que naquele momento pretendia-se, em meio às discussões sobre nacionalidade, criar figuras que representassem a identidade nacional. Desse modo, segundo Gomes (1998), os malandros performados no teatro somados aqueles cantados nos sambas de apologia ao malandro instituíram no imaginário brasileiro a ideia do sambista malandro.

Esse estereótipo surge em um cenário em que a Lei da Vadiagem já estava estabelecida pela ordem jurídica vigente, a qual foi criada como uma tentativa do Estado de reagir ao movimento que seria inevitável e culminaria na Abolição da Escravatura que ocorreria oito anos mais tarde. Naquele momento, para além dos motins e fugas organizados pelos escravos, o cenário internacional pressionava o Brasil para a extinção do mercado escravo, uma vez que este era o único que ainda se mantinha ativo formalmente. Desse modo, criminalizar as ações dos escravos tinha por objetivo coibir sua tentativa de libertação.

Segundo Cleyton Phelipe de Oliveira em “O Crime de Vadiagem e a Perseguição Criminal ao Samba no Início do Século XX”, dentre os crimes de vadiagem estavam o candomblé e a capoeira; sendo essa segunda proibida sob a argumentação de representar um risco para a ordem vigente em decorrência de seu caráter agressivo. Não demorou muito para que outras práticas relacionadas à cultura negra fossem perseguidas e classificadas como prática de vadiagem, dentre elas estava o samba.

A abolição da escravatura ocorrida em 1988 libertou o negro, mas não o concedeu o direito à cidadania plena, incluindo o direito ao lazer e à diversão, nem ao menos a prática da sua própria cultura. O artigo “Repressão ao samba: relatos e discursos em jornais cariocas do início do século XX” do autor Alexei Alves Queiroz, traz relatos de sambistas renomados que afirmam terem sofrido, em sua época, repressão policial em decorrência da prática do samba. Dentre eles estão nomes como Cartola e João da Baiana. Segundo cita Queiroz (2021), o primeiro já participou de rodas de samba que foram interrompidas pela polícia, enquanto o segundo chegou a ser preso por tocar pandeiro.

Na Monografia “O Crime de Vadiagem e a Perseguição Criminal ao Samba no Início do Século XX” de Cleyton Phelipe de Oliveira, o autor realiza uma análise do samba “Delegado Chico Palha”, canção que relata a ação repressiva de um delegado, que agredia os sambistas que se reuniam no Morro da Serrinha. A canção relata que além da interrupção das rodas de samba ocorria agressões físicas e quebra de instrumentos.

Foi nesse contexto de marginalização e discriminação do samba que Paulo da Portela, Antônio Rufino e Antônio Caetano, fundadores da Portela, compreenderam a importância de transformar o bloco em que desfilavam, o Vai Como Pode, em uma escola de samba, a fim de que a organização formal do grupo os legitimasse perante a sociedade e protegesse da repressão policial. Mas foi somente durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945), especialmente no período do Estado Novo (1937-1945), com a busca pela construção de uma identidade nacional que unisse o país sob a bandeira de uma cultura popular brasileira, que o samba foi institucionalizado como símbolo nacional.

Apesar do reconhecimento formal do samba e sua utilização como uma vitrine da cultura brasileira, o gênero e os desfiles promovidos pelas escolas de samba foram submetidos a um controle rigoroso, eliminando aspectos considerados indesejáveis pelas autoridades. No entanto, os sambistas, acostumados a lidar com a repressão desde suas

origens, continuaram a usar o samba como uma forma de resistência às limitações impostas pelo Estado.

No início do século XX, os velhos cordões de carnaval foram banidos das ruas pelas autoridades sanitárias e policiais do Rio de Janeiro, pois eram considerados grotescos, sujos e violentos, e incompatíveis com o projeto higienista e civilizatório em voga na época, que visava embelezar, sanear e modernizar a capital do país (Neto, 2017, p. 9).

Os jornais da época serviam como veículo de propagação de discriminação contra os cordões, uma vez que serviam como espaço para que jornalistas publicassem suas opiniões acerca do que viam. O autor Lira Neto (2017) destaca o momento em que Américo Fluminense, em um artigo na revista Kosmos, descreveu o carnaval da época com desdém, afirmando: "Não há alegria nem espírito, há berreiro de taba de mistura com uivos de africanos" (Neto, 2017, p. 10).

Segundo Neto (2017), a folia, muitas vezes, acabava em violência, de modo que era comum um cordão atacar outro para roubar o estandarte, o que frequentemente resultava em pancadarias, com golpes de capoeira e trocas de navalhadas entre os foliões (Neto, 2017, p. 10). No entanto, mesmo em meio a esse contexto tumultuado, o samba começou a se consolidar como uma expressão cultural importante, ao ponto de atingir, durante o Estado Novo, o status de símbolo nacional.

Em 1928 e 1929, uma figura denominada Alufá, organizou, de maneira não oficial, os dois primeiros concursos de samba de que se tem notícia (Neto, 2017, p. 11). Segundo o autor, pouco antes, junto a figuras como Saturnino Gonçalves (Satur) e Angenor de Oliveira (Cartola), ele foi responsável pela fundação daquilo que viria a ser a Estação Primeira de Mangueira, a famosa agremiação verde e rosa, que se tornaria a primeira campeã dos desfiles oficiais das escolas de samba do Carnaval carioca, inaugurados em 1932 (Neto, 2017, p. 11-12).

De acordo com Lira, os pioneiros da música popular urbana no Brasil, conhecidos como a "Santíssima Trindade", eram Donga, João da Baiana e Pixinguinha, considerados os heróis fundadores dessa tradição musical (Neto, 2017, p. 19). Donga, aos cinquenta anos, já era uma lenda por ter registrado "Pelo Telefone" na Biblioteca Nacional em 1916, considerado por muitos o primeiro samba gravado na história (Neto, 2017, p. 19). João da Baiana, um mestre do pandeiro aos 53 anos, também desempenhou um papel

fundamental na formação do samba urbano carioca, sendo filho de uma das muitas "tias" baianas que migraram para o Rio, trazendo consigo a influência do samba de roda do Recôncavo Baiano (Neto, 2017, p. 19).

Para o autor, essas baianas e seus terreiros desempenharam um papel crucial na evolução do samba, que passou de uma tradição rural para um fenômeno urbano. A própria Portela cantava em seu princípio a vida pacata de Oswaldo Cruz e todos os elementos naturais a ela relacionadas. Ao longo dos anos, muitas mudanças ocorreram, e a música popular brasileira evoluiu significativamente, principalmente a partir do surgimento e disseminação do rádio comercial no cotidiano nacional. Para Lira, a Era do Rádio, somada a expansão do mercado fonográfico e a consolidação do cinema, trouxe novos desafios e oportunidades, possibilitando a formação da indústria do entretenimento no Brasil (Neto, 2017, p. 22).

Como indicado por diversos autores, dentre eles Lira, durante o Estado Novo, o governo brasileiro buscou construir uma identidade nacional moderna, e a música popular, especialmente o samba, tornou-se um elemento central desse projeto. Nesse processo, o samba foi, por vezes, visto como um símbolo de resistência e, em outras ocasiões, como uma cultura cada vez mais domesticada (Neto, 2017, p. 22).

Lira afirma que o samba sempre se reinventou, assimilando influências diversas e adaptando-se às mudanças sociais e culturais; e que mesmo enfrentando momentos em que sua autenticidade foi questionada, o samba não morreu; ao contrário, sobreviveu e prosperou, tornando-se o "símbolo máximo da brasilidade" (Neto, 2017, p. 22-23). Ele segue com a sua afirmação dizendo que nascido nos batuques rurais e nutrido pelos terreiros de macumba, o samba invadiu as periferias urbanas sem pedir licença, tornando-se sinônimo de malandragem e, muitas vezes, alvo de perseguição policial, de modo que ele transitou por diferentes espaços, desde os cabarés mais humildes até os grandes salões de baile, e mesmo sendo considerado um produto clandestino em seus primórdios, conquistou o disco, o rádio e o cinema (Neto, 2017, p. 23). Para ele, o samba, que nasceu maldito e cativo, cresceu liberto, sempre se adaptando e mantendo sua relevância na cultura brasileira. Ele agoniza, mas não morre; resiste e se reinventa, perpetuando-se como a mais autêntica expressão da música popular urbana do Brasil (Neto, 2017, p. 23).

4. A Portela

Fundada no bairro de Oswaldo Cruz, na Zona Norte do Rio de Janeiro, a Portela é a escola de samba mais antiga do país (G.R.E.S Portela, 2024). Segundo fontes, dentre elas o documentário sobre Paulo da Portela (2019), na década de 20 Oswaldo Cruz era uma região rural, com pouco comércio e escassez de saneamento básico, ocupada pela população negra ex-escravizada e por grupos pobres que foram expulsos do centro da cidade pela Reforma Urbana realizada pelo então prefeito Pereira Passos, reforma essa que incentivou a valorização imobiliária, encarecendo os perímetros centrais e conduzindo as camadas mais pobres para as regiões periféricas da cidade.

Potencializa-se, assim, a confecção do novo símbolo da República que se queria moderna e cosmopolita; sob a administração do engenheiro militar Pereira Passos, inicia-se, nos primeiros anos deste século, um conjunto de obras e melhorias urbanas inspiradas naquelas realizadas por Haussman em Paris, visando reformar a capital do país e conferir-lhe o ar de uma metrópole aos moldes europeus (Farias, 1999, p. 191). A nova capital idealizada por Pereira Passos não fora pensada para negros ex-escravos e não foi para pessoas como Paulo da Portela, um dos fundadores da escola. A partir do momento em que os escravos se tornam livres eles deixam de ser vistos como responsabilidade privada, mas também não passam a ser de responsabilidade do Estado - o qual não os assegura seus direitos básicos para subsistência. Nos primeiros anos da pós-abolição não havia uma fronteira clara entre escravidão e liberdade. Dona agora de direitos civis equiparados aos dos brancos, a cidadania da população negra se mostrou logo de segunda classe, já que foram de antemão extraída da população recém-liberta as condições culturais e materiais de concorrer numa sociedade que se queria vertical-capitalista, mas exclui a mão-de-obra negra das melhores qualificações e condições de circulação, saúde, habitação e educação (Moura, 1988, p. 59-67). Nesse sentido, a abolição veio, mas não libertou o negro. É nesse contexto que nasce a Portela.

Esse ambiente refletiu na composição dos sambistas da época, que cantavam sobre a natureza e a vida afastada dos centros urbanos. Ao longo do tempo o conteúdo das composições se transformou, deixando o caráter rural e assumindo novas narrativas, de modo que ao olhar as canções é possível perceber que há uma relação entre o contexto histórico-social e as letras das músicas cantadas pelos sambistas.

Partindo do pressuposto de que samba é política, essa pesquisa tem por objetivo explorar a dimensão política do samba. Nesse sentido, este trabalho se concentra nas

atividades que foram desenvolvidas pela Portela durante o período da pandemia. A escolha desta escola como objeto de estudo está assentada em dois fatores (i) sua importância enquanto escola de samba mais antiga em atividade no Brasil, tendo sido ainda a primeira a ser fundada no país; e (ii) o caráter político, comunitário, solidário e extremamente organizado das suas ações, sejam elas remotas ou presenciais.

Segundo relatos e registros, desde antes da sua oficialização enquanto escola de samba, a Portela tem assumido um papel político, seja frente ao estado, a comunidade ou a sociedade. Seus membros, dentre eles, um de seus fundadores, Paulo da Portela, foi quem compreendeu a importância de criar uma escola de samba, para que o grupo festivo que ele carregava junto aos amigos fosse reconhecido pela sociedade carnavalesca como igual e digno de desfilar no carnaval, sem sofrer repressão policial. Foi ele também quem entendeu a importância de estabelecer um padrão de vestimenta, com a utilização de gravata, terno e sapato social, para que os carnavalescos negros da época fossem aceitos pela alta sociedade carioca (Documentário, 2019).

A Portela teve um impacto profundo no samba e no carnaval carioca. Foi uma das primeiras escolas a organizar desfiles temáticos, com enredos bem elaborados, fantasias e alegorias sofisticadas, contribuindo para transformar o desfile das escolas de samba em um espetáculo cultural e artístico de grande magnitude.

O legado de Paulo se mantém vivo quando, mesmo em sua ausência, os gestores da escola mantêm diálogo ativo com o poder público local ou ainda, quando os departamentos muito bem-organizados da escola promovem ações sociais e culturais ao longo de todo o ano. A Portela faz política quando elabora sambas-enredo de resgate das culturas afro, brasileira e indígena, ou quando se atreve a narrar um livro escrito por uma autora brasileira na avenida e este esgota em livrarias virtuais após o desfile.

Suas contribuições musicais vão além, uma vez que ao longo das décadas, a Portela produziu alguns dos maiores sambistas e compositores da história do samba e da música popular brasileira, como Monarco, Candeia, Paulinho da Viola, Zeca Pagodinho e o grande Paulo da Portela; figura que ficou conhecida como O pai do samba-enredo e inspiração para a criação do personagem Zé Carioca de Walt Disney. As composições da Velha Guarda e desses artistas estão cristalizadas na cultura do samba brasileiro, sendo cantadas ainda atualmente nas rodas de samba do Rio de Janeiro.

Para além da influência nacional, a Portela é conhecida por seu registro no cenário internacional, espaço que foi conquistado através da realização de turnês durante alguns períodos da escola, elevando o gênero a outro patamar e trazendo o olhar admirado do mundo para o país.

A Portela cantou as transformações culturais, históricas, políticas e sociais ocorridas no Rio de Janeiro e em todo o Brasil em cada década desde a sua fundação, de modo que continua, ainda hoje, sendo uma força dominante no carnaval carioca, reforçando a importância de estudar não apenas sua história, mas também sua criação musical.

5. A atuação da Portela durante a pandemia da Covid-19

A pandemia da Covid-19, iniciada em março de 2020, atravessou todas as estruturas da sociedade, conduzindo cada uma a uma brusca readequação ao novo normal que se apresentava. As escolas de samba, agremiações firmadas nas atividades presenciais, precisaram repensar suas ações econômicas, sociais e culturais, a fim de que o elo com a comunidade fosse mantido e de que estas cumprissem seu papel político de conscientização acerca da gravidade da situação de calamidade pública que se apresentava.

É nesse período que as escolas começam a movimentar seus canais no Youtube, criar contas no Instagram, Twitter e Facebook e movimentá-las diariamente, pois esses são os canais de comunicação com a comunidade, o local de encontro. O samba antes feito na rua, agora é realizado dentro de casa através de lives beneficentes para a arrecadação de alimentos destinados a doação para os mais desfavorecidos. A famosa feijoada da Portela já não acontece mais na quadra da escola, mas é entregue via delivery para que as famílias possam se deliciar em casa. Algumas atividades são adaptadas, outras suspensas. Mas o samba não morre.

6. O Portela Cultural e suas Lives

A partir dos dados coletados é possível concluir que dentre os departamentos e/ou segmentos selecionados para análise, a Portela Cultural foi o que apresentou o maior volume de atividades desenvolvidas ao longo da pandemia da Covid-19, por isso ter sido selecionada como objeto deste trabalho.

Uma parte da comunidade é engajada e participou ativamente nas Lives, contribuindo com comentários e diversas interações no chat, que foram de saudações e

elogios até emissão de opiniões e questionamentos sobre os temas abordados pelos entrevistados e palestrantes. Há alguns nomes que aparecem em pelo menos 90% dos chats, demonstrando compromisso e devoção à escola.

Durante o período de análise, que compreende a 29 de abril de 2020 a 2 de abril de 2022, foram transmitidas 101 Lives, 30 delas através do Instagram e 71 através do Youtube, as quais estão divididas em 4 quadros semanais, que correspondem ao Papo Reto, a CulturaLive, ao Papo Sincopado e ao #TamoJunto. Para além deles, foi realizado durante um período o Perímetro Cultural de Oswaldo Cruz, que foi uma versão presencial do CulturaLive.

Transmitido no Youtube, O Papo Reto foi transmitido às quartas-feiras, às 21h e tratava sobre temas atuais e de interesse cultural. Veiculado pelo Instagram aos domingos, às 18h, o CulturaLive propunha uma entrevista com personagens da Portela, do carnaval e do samba. Às terças-feiras às 21h, o Papo Sincopado se pretendia um botequim virtual com música, conversa, sons e ritmos. Já o #TamoJunto, que ia ar às 21h das sextas-feiras, com transmissão também pelo Youtube, apresentava convidados que dialogam sobre iniciativas que impactam as comunidades e a sociedade civil.

Em 2020 foram transmitidas 80 Lives, as quais estão distribuídas entre os meses de abril e setembro, com maior concentração em junho, (15), julho (18), agosto (16) e setembro, respectivamente. Com transmissões realizadas entre fevereiro e março, o ano de 2021 foi marcado por 19 Lives, as quais, em comparação ao ano anterior, apresentaram uma queda, uma vez que a média foi de 1 a 3 vídeos por mês. A maior alta foi observada durante o mês de abril, em que 4 Lives foram realizadas. Em 2022 somente duas Lives foram realizadas, sendo transmitidas em 29 de março e 2 de abril, respectivamente.

No que diz respeito à interação, o canal acumulou 949 curtidas e 45 comentários nas transmissões, resultando em uma taxa de engajamento moderada e indicando que a quantidade de vídeos não necessariamente se traduz em maior engajamento. Esses números sugerem que, embora o conteúdo seja apreciado pelos espectadores, há espaço para melhorar a participação ativa do público por meio de estratégias que fomentem mais comentários e interações diretas durante e após as lives. Assim, pode-se concluir que a relação entre a quantidade de vídeos e o engajamento não é linear; é possível que a qualidade do conteúdo, a relevância dos temas abordados e a promoção das Lives tenham

um impacto mais significativo no engajamento do público do que apenas a quantidade de vídeos disponíveis.

Em se tratando de participação, foram recebidos ao todo mais de 90 convidados, os quais foram agrupados, para fins analíticos, em 6 categorias: (I) artistas; (II) comunicadores; (III) educadores; (IV) gestores; (V) não identificados e (VI) outros. Nesse sentido, artistas são os convidados que atuam principalmente como músico, cantor (a), compositor (a), bandolinista, sambista, carnavalesco, coreógrafo, intérprete, DJ, membro de grupo musical, mestre de bateria, mestre-sala, passista, ritmista, poeta, rapper, violonista e produtor musical. Comunicadores são aqueles que atuam como autor, biógrafo (a), diretor de cinema, diretor de marketing ou jornalista. Educadores são professores de todos os níveis de educação. Gestores são os indivíduos identificados como presidente ou vice-presidente da Portela, coordenadora do departamento de cidadania da Portela, vereadora e gestores de projetos sociais. Não identificados são aqueles que não tiveram suas funções descritas na apresentação dos vídeos ou encontradas na Internet. Por fim, outros correspondem ao agrupamento de indivíduos que atuam como integrante da ala das baianas da Portela, integrante da Procuradoria dos Direitos do Cidadão do Rio de Janeiro, integrante do Portela Cultural, ativista de movimento social, produtor cultural, arquitetos e psicóloga.

Conforme disposto na Tabela 1 abaixo, os artistas correspondem ao quantitativo de 49 convidados, enquanto comunicadores correspondem a 10, educadores a 17, gestores a 5, não identificados a 8 e outros a 9. Dentre eles, 7 deles aparecem duas vezes, em Lives diferentes, sendo eles: a compositora Áurea Maria, o Rapper Chico Tadeu, a cantora e produtora cultural Geisa Ketti, o professor e escritor João Batista Vargens, o artista Lucio Sanfilippo, o então presidente da Portela Luis Carlos Magalhães e o professor Luiz Espírito Santo.

Tabela 1: Ocupação dos Convidados

Ocupação	Número de Convidados
Artistas	49
Comunicadores	10
Educadores	17
Gestores	5
Não identificados	8
Outros	9

Fonte: Elaboração própria

Com base nos comentários e respostas no chat das Lives é possível identificar que o público destas é composto essencialmente por membros, torcedores e simpatizantes da escola, que encontraram no espaço virtual uma maneira de manterem o contato com seus colegas de agremiação. É interessante observar, que para além dos telespectadores residentes no Brasil, havia também aqueles que se identificam como portelenses e naquele momento residiam em outros países. De modo que o alcance passou a ser internacional.

Os temas abordados durante as Lives foram diversos, de modo que para fins de análise foi necessário a criação de uma classificação de temas que os concentra em grandes áreas, quais são: pandemia, cultura, música, carnaval, cidades, figuras históricas, ativismo, literatura, educação, projetos sociais e torcidas organizadas. Segundo demonstra a Tabela 2, é possível observar que em termos quantitativos, as Lives musicais foram aquelas com maior número, totalizando 22 transmissões. Estas foram seguidas por aquelas que versavam sobre cidades e projetos sociais, as quais apresentaram o mesmo número de transmissão, 13 cada. Literatura e pandemia foram os temas menos abordados, sendo veiculados 2 vídeos relacionados ao primeiro e 3 relacionados ao segundo.

Tabela 2: Temas das Lives

Tema	Número de Lives
Pandemia	49
Cultura	10
Música	22
Carnaval	8
Cidades	13
Figuras históricas	11
Ativismo	8
Literatura	2
Educação	4
Projeto social	13
Torcidas organizadas	4

Fonte: Elaboração própria

Os temas abordados no Canal Portela Cultural refletem preocupações contemporâneas. Esses assuntos são de grande relevância social e cultural, atraindo uma audiência diversificada e interessada em questões ligadas à identidade, resistência cultural e ao papel da cultura popular na sociedade.

O público do Canal Portela Cultural é composto, em sua maioria, por membros e simpatizantes de instituições culturais, torcedores e pessoas com interesse profundo em

cultura popular. Isso revela uma base sólida de apoio comunitário, composta por indivíduos que têm afinidade com os temas discutidos. A diversidade dos tópicos abordados, especialmente aqueles relacionados à identidade cultural e à resistência social, demonstra que esse público valoriza discussões profundas sobre o papel da cultura na construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente de suas raízes.

O nível territorial do debate proposto durante as Lives foi majoritariamente local, uma vez que os temas que se destacaram dialogavam com a realidade do Rio de Janeiro e tudo aquilo que a ele está relacionado, como os projetos sociais, a educação, as figuras históricas advindas da Portela, a realidade da cidade, com foco no desenvolvimento e potencial suburbano, bem como as escolas de samba e o carnaval.

A relação entre os eventos históricos de 2020 e os dados do Canal Portela Cultural revela como temas globais influenciaram diretamente o conteúdo e a relevância das lives promovidas pelo canal.

A pandemia foi um dos temas abordados no Canal Portela Cultural, refletindo a preocupação com os impactos na saúde pública e na economia. Lives como "Pandemia e Economia Criativa" e "Carnaval: A Sobrevivência na Crise" trouxeram discussões sobre as dificuldades enfrentadas pela economia criativa e pelas manifestações culturais, como o carnaval, durante esse período. O aumento da frequência das lives foi uma resposta à necessidade de conexão e apoio comunitário, já que o isolamento social limitava os encontros presenciais.

Os protestos desencadeados pelo assassinato de George Floyd trouxeram à tona discussões sobre ativismo e resistência nas lives do Canal Portela Cultural. Essas discussões ressoaram especialmente em temas relacionados à cultura popular e ancestralidade, em que se destacaram a luta por justiça social e a valorização da identidade cultural. A mobilização em torno de projetos comunitários, como o #TamoJunto, demonstrou o engajamento da comunidade em ações sociais e a busca por empatia e solidariedade em tempos de crise.

As discussões sobre cultura e identidade no canal também foram influenciadas pelo cenário político de 2020, incluindo as eleições presidenciais nos EUA. Temas como representatividade e voz da comunidade se entrelaçaram com as questões culturais, destacando a importância de se falar sobre direitos e lutas por igualdade. Lives dedicadas à educação e cultura popular reforçaram a necessidade de conscientização sobre as

questões políticas e sociais, ecoando o desejo de mudança e justiça social presentes nas eleições e nos movimentos globais.

Assim, os eventos históricos de 2020 não apenas moldaram o contexto social e cultural daquele ano, mas também influenciaram diretamente os temas abordados pelo Canal Portela Cultural. O canal se posicionou como uma plataforma de discussão crítica e reflexiva, onde as preocupações com a saúde, economia, justiça social e direitos políticos eram abordadas a partir da perspectiva da cultura popular, fortalecendo a relevância das suas lives no contexto de crises globais.

O Canal Portela Cultural se estabeleceu como uma plataforma relevante para a promoção da cultura e o debate sobre questões sociais. Com um bom desempenho em visualizações e uma taxa moderada de engajamento, o canal possuiu grande potencial de crescimento. A continuidade na produção de conteúdo, aliada à diversificação dos temas abordados e à busca por aumentar a interação, poderia contribuir significativamente para a expansão do público e o fortalecimento da presença do canal como referência na discussão da cultura popular e das questões sociais contemporâneas, caso esse tivesse continuado com as transmissões ao vivo.

6.1. Papo Sincopado

O Papo Sincopado, realizado às terças-feiras no canal da Portela Cultural no Youtube consistiu em entrevistas com sambistas e abordou temas relacionados à música. O quadro aconteceu durante o primeiro ano da pandemia, entre os dias 5 de maio e 28 de setembro de 2020. Comparado ao engajamento de outros quadros, como o Papo Reto, que foi o quadro que obteve maior atenção do público, o Papo Sincopado ficou entre os quadros de engajamento mediano, tendo atingido o número máximo de 6.745 visualizações, 936 curtidas, 100 comentários e 1.105 interações nos chats de todas as Lives que foram realizadas.

6.2. Papo Reto

Realizado às quartas-feiras, o Papo Reto tinha um teor de informação e conscientização, abordando temas que iam desde Pandemia e Economia Criativa até Direito à Cidade. Em termos numéricos, esse foi o quadro com maior engajamento, o que pode ser explicado por alguns fatores, dentre eles o fato de ter contado com o maior

número de Lives realizadas. Conforme a tabela abaixo, foram 34 transmissões entre abril de 2020 e março de 2022, as quais atraíram a atenção de 11.529 espectadores.

A primeira Live realizada pela Portela Cultural durante a pandemia é também a primeira do quadro Papo Reto e tem como convidada especial a jornalista Flávia Oliveira, nome respeitado não somente no mundo da comunicação, mas também do samba e do carnaval, o que fica refletido no número de visualizações, que atingiu a marca de 439 pessoas assistindo.

O número de visualizações da primeira para a segunda Live cai consideravelmente e volta a subir de maneira impressionante nas 6ª e 7ª Live. A primeira, realizada com o jornalista e escritor Rafael Freitas sobre O Rio Antes do Rio, em que 1,1 pessoas visualizaram. Mas o grande boom acontece mesmo na Live seguinte, que tem como convidado o admirado historiador Luiz Antônio Simas, figura que escreve sobre Rio, samba, carnaval, religiões de matriz africana e tudo o que perpassa a cidade. Dentre as suas obras há uma dedicada a Portela que foi lançada em 2012 pela Verso Editora Brasil. Com 2,2 visualizações, 266 curtidas, 13 comentários e 50 respostas no chat, dentre todas as realizadas pela Portela Cultural, essa foi a Live mais assistida durante a pandemia. A Live que teve como participante Luís Carlos Magalhães (ex-presidente da Portela), teve como tema O Mundo que Paulo (da Portela) criou e com 765 visualizações foi a terceira mais assistida desse quadro.

Após essa breve análise que revela o nível de engajamento recebido por esse quadro ficam alguns questionamentos, como por exemplo: as pessoas estavam interessadas pelos temas, interessadas pelas figuras que apareceram ou o portelense é genuinamente fiel e engajado? A partir da observação das páginas no Instagram de alguns departamentos da escola e de vídeos nos canais do Youtube da mesma, pude observar que há uma quantidade considerável de pessoas que se mantiveram presentes e engajadas em 90% das publicações e vídeos, seja deixando um like, um comentário ou interagindo no site.

Assistindo aos depoimentos do Projeto Memórias dos Portelenses e a um documentário da TV Band Rio e realizando entrevistas com o assessor de marketing da escola e com o Diretor do Departamento Cultural, é possível observar na fala de cada uma das pessoas que há uma devoção para com a escola. Devoção que não é abalada e que passa de pai para filho. Afinal, Portela é tradição. E não é tradição somente no fazer

carnaval e manter antigas práticas, mas também no comprometimento e respeito com a agremiação e tudo aquilo que ela representa. O discurso de Marlene Assis, enteada de Natal e uma das entrevistadas do Projeto Memória dos Portelenses, evidencia esse caráter devoto do Portelense, de frequentar assiduamente a escola e se envolver com as suas atividades mesmo quando não está comprometido com o desfile anual. Em um universo virtual, a forma de se manter "em quadra", presente é curtindo, comentando e compartilhando aquilo que a Azul e Branco posta. Portanto, para além do interesse pelos temas, da admiração pelos entrevistados, houve também o compromisso de se manter devoto à escola, mesmo que à distância.

6.3. #TamoJunto

O #TamoJunto, realizado às sextas-feiras, trouxe para o espaço das Lives figuras fundadoras de projetos e espaços educativos, sociais e culturais. O projeto, que aconteceu entre junho de 2020 e novembro de 2021, contou com um total de 16 Lives, as quais obtiveram ao todo 3.370 visualizações, 620 curtidas, 45 comentários e 767 respostas no chat.

O #TamoJunto apresentou uma gama diversa de projetos que são realizados não somente na cidade do Rio de Janeiro, mas em outros estados do Brasil, como a Geração Portela, iniciativa do musicista Vinicius Trindade, que ensina samba para crianças e adolescentes da comunidade de Paraisópolis, em São Paulo. Dentre as Lives apresentadas, aquela que teve como convidado Luís Carlos Magalhães foi a que mais me chamou atenção, pois para além de falar sobre empatia e solidariedade em tempos de pandemia, ela abarcou uma série de assuntos, como por exemplo, a sustentação econômica de escolas de samba de pequeno, médio e grande porte durante a pandemia. Assim como Magalhães, o assessor de marketing da Portela, Paulo Renato Vaz, um dos entrevistados desse trabalho, destacou a importância do projeto Sócio Torcedor e da Boutique Virtual para angariar fundos para a escola durante o período de isolamento social. Ambos são meios de os portelenses adquirirem produtos da escola, tendo o Sócio Torcedor vantagens como entrada exclusiva em eventos realizados na quadra da Portela, desconto em produtos da escola, dentre outros benefícios, os quais variam a depender do plano assinado.

6.4. #CulturaLive

O #CulturaLive era transmitido aos domingos e contou com a presença de pessoas relacionadas à escola, como a Rainha de Bateria, Bianca Monteiro, para tratar sobre

samba, Portela e temas relacionados. Em 22 Lives distribuídas em um período de quase dois anos, foram obtidas cerca de 6.194 visualizações, 949 curtidas e 94 comentários. Diferentemente dos quadros anteriores, o #CulturaLive e o Perímetro Cultural não apresentam respostas no chat, pois foram transmitidos através da conta do Instagram da escola e diferentemente do Youtube, essa rede não dispõe desse recurso.

Esse quadro recebeu figuras importantes dentro do contexto da escola, como a Rainha de Bateria Bianca Monteiro, os então Mestre-Sala e Porta-Bandeira, Marlon Lamar e Lucinha Nobre, dentre outras figuras de igual relevância. Os temas foram os mais variados, tratando desde o barracão e tudo o que envolve a preparação para o carnaval até o legado de Manacéia e Dona Neném, baluartes da Portela. Mas as Lives que obtiveram maior grau de engajamento não foram aquelas que trouxeram figuras amplamente conhecidas no mundo do carnaval como Bianca, Marlon e Lucinha. Mas sim aquelas que tiveram por convidadas Maria do Rosário (fundadora e presidente da Torcida Sangue Azul), Nilcemar Nogueira (neta do mestre Cartola e Ex-Secretária de Cultura do Rio de Janeiro) e Jane Garrido (integrante da Ala de Compositores da Portela) e tratam sobre A Torcida Sangue Azul, O Museu do Samba e Mulheres Gestoras, respectivamente. Nota-se que o ápice de acessos acontece no período entre 5 de julho e 23 de agosto de 2020, período exato em que acontecem as Lives citadas.

6.5. Perímetro Cultural de Oswaldo Cruz

A partir de 2021 o #CulturaLive assume uma nova cara e passa a ser denominado #PerímetroCultural, deixando de ser uma experiência virtual e acontecendo no mundo real. Nesse novo formato, Ruan Lucena e Mauro Sérgio Farias Filho, integrantes do Departamento Cultural da Portela, visitam moradores residentes no território berço da Portela, para escutar suas histórias, além de convidar vozes admiradas pela comunidade para entrevistas em espaços culturais de extrema importância e relevância para a comunidade de Oswaldo Cruz. Em 2022 o Perímetro Cultural de Oswaldo Cruz retorna ao seu formato original, remoto, e volta ao nome de #CulturaLive. O Perímetro Cultural de Oswaldo Cruz representa uma novidade, pois o esforço dos produtores culturais durante a pandemia foi o de replicar atividades presenciais no mundo virtual e aqui se realizou, com êxito, o contrário. Esse novo formato atraiu a atenção dos portelenses, de modo que em apenas 8 Lives, foram obtidas 3.704 visualizações.

Não diferente do esperado, o episódio do Perímetro Cultural com maior engajamento foi aquele realizado no carinhosamente apelidado de cafofo da tia Surica, a Presidente de Honra da Portela. Foram 733 pessoas que pararam para assistir a entrevista com a figura mais respeitada da escola. Querida e reverenciada, não somente pelos portelenses, mas em todo o mundo do carnaval, Tia Surica é parte da Velha Guarda da escola e foi a figura responsável por reavivar, em meados de 2003, a tradicional feijoada da Portela. Momento que, segundo comentário de Lucinha Nobre no #TamoJunto realizado com Luís Carlos Magalhães, atrai caravanas de diversos outros estados. Para o entrevistado Paulo Renato Vaz, a feijoada não é só sobre comensalidade e sociabilidade, é sobre onde a escola acontece, o que fica evidente nas postagens publicadas pelo Departamento de Cidadania, por exemplo, em que um acordo de contrapartida com a Faculdade Estácio de Sá. Naquele momento era celebrado o acordo que dava ao vestibular social da Portela uma casa, onde as aulas ministradas pelo projeto poderiam acontecer no espaço semanalmente. Assim, mais do que samba, esse é um espaço político, de diversão, mas também de assuntos sérios.

7. Portela, uma escola educadora

As seções de Lives realizadas em cada um dos quadros propostos pela Portela Cultural revelam o compromisso desse departamento de difundir a cultura, não somente através de exposições e festas literárias, mas também, e talvez principalmente, através da educação, ao demonstrar em sua sequência de Lives que conhecimento é cultura.

Hoje a Portela conta com Consulados em cidades como São Paulo e Toquio e seus membros acompanharam assiduamente as Lives transmitidas e contribuíram para os debates que foram propostos. De modo que é possível perceber que a escola ultrapassou, definitivamente, as barreiras físicas de Oswaldo Cruz. Além disso, pode-se supor que as Lives foram fundamentais para que a conexão com os portelenses brasileiros e estrangeiros não fosse interrompida pela distância imposta pela Covid-19. Os Consulados possuem papel importante na difusão do samba e da cultura portelense a nível local e nasceram em diversas cidades muito antes da pandemia, sendo esse momento offline apenas uma oportunidade de conexão entre os filhos da Águia e a Escola Mãe.

Em se tratando dos quadros propostos pelo Departamento Cultural, a primeira Live foi realizada ainda em 29 de abril de 2020, pouquíssimo tempo após a Organização Mundial da Saúde (OMS) caracterizar a COVID-19 como uma pandemia, revelando a capacidade de organização da escola, que de forma muito ágil passou a se conectar

semanalmente com a comunidade através das suas postagens através das contas no Facebook e no Instagram, mas também por meio das Lives.

Essa capacidade de agilidade na comunicação e na organização, assim como aquela de se manter economicamente pode ser explicada pelo fato de a Portela ser uma das maiores escolas de samba de todo o Brasil, o que significa que ela dispõe dos recursos necessários para se mobilizar e organizar prontamente. Essa hipótese é evidenciada na fala do Presidente da escola na época, Luís Carlos Magalhães, que durante sua participação no quadro #TamoJunto (2020) difere o potencial de sobrevivência de uma escola grande como a Portela daquele de escolas menores. Segundo ele:

Uma coisa é você fazer parte de um transatlântico desse que é a Portela. Uma outra coisa é uma escola pequena, sem recursos, que são quase 50 escolas aí hoje. E você tem 12 no grupo especial, mais 12 ou 4 no grupo que tem poder econômico para fazer alguma coisa. Agora, por exemplo, essas escolas estão entregues. Se as escolas principais estão dessa maneira, imagina como estão as outras escolas.

O problema de sustentação e sobrevivência de escolas menores pode ter origem na década de 60, quando as escolas de “segunda divisão” deixam de ser conduzidas por sambistas e passam a ser geridas por bicheiros. Segundo o documentário de Paulo da Portela (2019), nesse momento as escolas se afastam do seu intuito inicial, que era o de serem agremiações formalmente organizadas para se reunirem sem sofrer repressão policial e passam a serem apenas produto comercial, focado na exuberância e gastos exorbitantes com fantasias e alegorias.

Apesar disso, a estrutura econômica da Portela, como uma das maiores escolas de samba do Brasil, permitiu uma rápida adaptação durante a pandemia. De modo que a implementação de projetos como o Sócio Torcedor e a Boutique Virtual ajudou a angariar fundos, garantindo a continuidade das atividades e serviços à comunidade. Essa capacidade de mobilização econômica foi crucial para manter sua relevância social e política durante o isolamento.

Reflexões sobre essas nuances do fazer samba, ancestralidade e cultura popular puderam ser visualizadas 31.542 vezes (total de visualizações de todos os quadros

somados), por pessoas que Live após Live acompanharam a programação proposta em sinal de sua devoção para com a Portela, fazendo do Instagram e do Youtube a quadra virtual da escola. Desse modo, arrisco dizer que apesar de uma pandemia e seus efeitos devastadores, a Portela não perdeu seu papel de agente socializador.

A atuação do Portela Cultural e do Portela Cidadã durante a pandemia evidencia que o samba transcende a expressão artística, funcionando como um veículo de mobilização social e política. As iniciativas, como Lives e distribuição de cestas básicas, reforçam a importância do samba na formação de cidadãos críticos e politizados, além de manter a conexão com a comunidade em tempos desafiadores. Assim, a relação entre samba e política se manifesta na capacidade do samba de promover resistência e solidariedade em momentos de crise.

8. Considerações Finais

O trabalho em questão investiga a interseção entre samba e política, concentrando-se na atuação da Escola de Samba Portela durante a pandemia de Covid-19. A pesquisa explora como a Portela, uma das mais tradicionais e respeitadas escolas de samba do Rio de Janeiro, utilizou suas plataformas digitais para manter sua relevância social e política em tempos desafiadores.

Durante o período de isolamento social, o Departamento de Cultura da Portela promoveu uma série de Lives que abordaram temas variados relacionados à música, cultura e ativismo. A análise, de natureza quali-quantitativa, descritiva e exploratória, envolveu a coleta e interpretação de dados e a realização de entrevistas. Os resultados destacam a habilidade da Portela em se adaptar às circunstâncias adversas e continuar seu papel de agente socializador e político.

A pesquisa revelou que a Portela não só conseguiu engajar sua comunidade por meio de suas transmissões ao vivo, mas também ampliou seu alcance, atingindo um público internacional – o qual se enquadra como simpatizante ou torcedor residente em outro país. As Lives foram predominantemente focadas em música, com 22 transmissões dedicadas ao tema. Além disso, a escola realizou 13 transmissões sobre questões urbanas e projetos sociais. O engajamento foi notável, com 90% das interações nas publicações e vídeos sendo consideradas significativas. Esses dados demonstram o forte comprometimento da comunidade com as atividades da Portela, refletindo a importância da escola como um pilar de resistência e um meio de assistência social.

O trabalho sublinha a importância do samba não apenas como uma forma de expressão artística, mas também como um veículo para a formação de cidadãos críticos e politizados. A análise dos dados de engajamento evidenciou que a Portela, através de suas iniciativas digitais, conseguiu não apenas manter seu papel cultural, mas também reforçar sua função política e social durante a pandemia. Esse papel de resistência e de mobilização comunitária reafirma a relevância do samba como uma ferramenta poderosa de transformação social e engajamento político.

REFERÊNCIAS

BAIA, Silvano Fernandes. **A historiografia da música popular no Brasil (1971-1999)**. 2010. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/T.8.2010.tde-14022011-115953. Acesso em: 2024-06-02.

DE QUEIROZ, Alexei Alves; DE FREITAS, Sérgio Paulo Ribeiro. Repressão ao samba: relatos e discursos em jornais cariocas do início do século XX. **discurso**, v. 22, n. 23, 2021.

DOCUMENTÁRIO sobre Paulo da Portela - "O Teu Nome não Caiu no Esquecimento". Direção de Dermeval Neto. Produção de Dermeval Neto. Roteiro: Nick Zarvos. Rio de Janeiro: Receita de Samba, 2011. Son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=byLAKF2-u3g&list=PLg_UWJlqykot5XD1mhse4ILWeFzclF1sp&index=25. Acesso em: 07 maio 2024.

FELIPE LUCENA (Rio de Janeiro). **História do bairro de Oswaldo Cruz, Berço do Samba**. 2018. Disponível em: <https://diariodorio.com/historia-do-bairro-de-oswaldocruz/>. Acesso em: 19 maio 2024.

G.R.E.S PORTELA (Rio de Janeiro). **HISTÓRIA**. Disponível em: <https://www.gresportela.com.br/Historia>. Acesso em: 19 maio 2024.

LIRA NETO,. **Um História do Samba: as origens**. [S.L.]: Companhia das Letras, 2017. 426 p. Disponível em: file:///C:/Users/ngrig/Downloads/Uma%20Historia%20do%20Samba_%20as%20Origens%20-%20Lira%20Neto.pdf. Acesso em: 31 ago. 20.

OLIVEIRA, Cleyton Phelipe de. O crime de vadiagem e a perseguição criminal ao samba no início do século XX. **Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito)- Faculdade Nacional de Direito, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022**.

DA SILVA LIMA, Lurian Reis. Memórias e sentidos históricos da “perseguição ao samba” no Rio de Janeiro Pós-abolição. **Revista Vórtex**, v. 11, n. 3, p. 1-22, 2023.

SODRÉ, M. **Samba, o dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.